Depois de um encontro promissor: reflexões de Robert Musil dois anos após um encontro com Carl Schmitt¹

After a promising meeting: reflexions of Robert Musil two years after meeting Carl Schmitt

KATHRIN HOLZERMAYR ROSENFELD

Professora do Departamento de Filosofia da UFRGS e pesquisadora 1B do CNPq.

RESUMO O presente artigo tem por objetivo apresentar a tradução do ensaio *Bedenken eines Langsamen* (*Ponderações e Reservas de um Homem Lento*), escrito por Robert Musil em 1933. Para tanto, para fins de contextualização, o pensamento de Musil contra os regimes totalitários (como nazismo e fascismo) é discutido à luz do encontro que o escritor teve, em 1930, com Carl Schmitt, o filósofo, jurista e teórico político cujo ideário teria embasado e legitimado a ditadura nazista através das Leis de Nuremberg.

PALAVRAS-CHAVE Robert Musil; Carl Schmitt; intelectuais e nazismo; *Bedenken eines Langsamen*.

ABSTRACT This article aims at presenting a translation of the essay *Bedenken eines Langsamen* (*Concerns of a Slow Man*), written by Robert Musil in 1933. Therefore, for the sake of contextualization, the thought of Musil against totalitarian regimes (such as Nazism and Fascism) is discussed in light of the meeting that the writer had in 1930 with Carl Schmitt, the philosopher, jurist and political theorist whose ideas have cemented and legitimized the Nazi dictatorship through the Nuremberg Laws.

KEYWORDS Robert Musil; Carl Schmitt; intellectuals and Nazism; *Bedenken eines Langsamen*.

QUEM PENSARIA HOJE QUE INTELECTUAIS E ARTISTAS TÃO CRÍTICOS DO FASCISMO quanto Franz Blei e Robert Musil pudessem ter desejado uma amigável frequência à casa do jurista das Leis de Nuremberg? Com a distância histórica, pode parecer surpreendente que um autor que criticou o fascismo e o antisemitismo desde o início tenha desejado contato com um dos ideólogos do *Führer* e de sua política racial – ainda mais numa época em que Musil já estava casado com Martha Marcovaldi, judia berlinense. Mas ninguém sabe melhor do que Musil a respeito da plasticidade da natureza humana – o autor fala da “consistência gelatinosa” da humanidade e das configurações do “caráter”. Para Musil, a identidade firme se dissolve num complicado jogo de elementos cujas relações mudam ao longo do tempo e do espaço, assumindo *Gestalten* – configurações mutantes – no romance *Der Mann ohne Eigenschaften* (*O Homem sem Qualidades*), obra de Musil originalmente publicada em três volumes, entre 1930 e 1943 (MUSIL, 1989).

Cabe colocar em perspectiva, portanto, o espírito desse encontro com Carl Schmitt, que ocorre mais de dois anos antes da radicalização de suas ideias. Tal radicalização acontece quando Schmitt se torna um membro eminente do partido nazista e um promotor das queimas de livros em maio 1933, ao passo que, neste mesmo ano, Musil limitava-se a escrever as ponderações não publicadas – e então impublicáveis – de um “Homem Lento”, como veremos a seguir. Apesar de sinais sombrios, essa guinada não estava ainda visível dois anos antes e, com alguma sorte, também poderia não ter acontecido. Voltemos ao fim do ano 1930, o momento daquele improvável encontro.

Em novembro de 1930, Musil viaja a Berlim para uma leitura radiofônica de seu romance recém-lançado *O Homem sem Qualidades* na “Berliner Funkstunde”.² Dias depois, em dezembro, ele encontra Carl Schmitt – graças a Franz Blei, amigo de ambos e infatigável *go-between* cultural que soube conectar escritores e intelectuais numa época em que as fronteiras sociais eram mais marcadas e os meios de comunicação deficientes. Outro grande amigo de Blei, Franz Kafka, sublinha a relevância da sua capacidade de manter contatos e amizades entre pessoas distantes, ao dizer que Blei era “muito mais inteligente e importante do que as coisas que escrevia” (JANOUGH, 1971, p. 64). Blei era o redator da revista *Der Lose Vogel* (*O pássaro de língua solta*), para a qual assegurou a colaboração não somente de escritores importantes, mas também contribuições de Schmitt. Essa troca começou em 1913, quando Schmitt já era um intelectual renomado, porém sem as conotações sombrias que seu trabalho ganharia depois de sua entrada no Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, em primeiro de maio 1933. É pouco depois do encontro com Musil e Blei que Schmitt se perfilaria como ideólogo do fascismo e filósofo do direito cuja teoria fundamentaria as Leis de Nuremberg,³ tornando-se o mais polêmico jurista do século XX. No entanto, no final de 1930, ainda é compreensível o vivo interesse que o jurista e o romancista sentiram um pelo outro: há inúmeros capítulos de *O Homem sem Qualidades* nos quais Musil aprofunda as disputas jurídicas que mudaram as visões do mundo e da ordem social e jurídica ao longo das três primeiras décadas do século XX; além disso, os diários de Musil também mostram, desde 1920, seu vivo interesse pela reestruturação do imaginário jurídico e pelos seus efeitos sobre a *minima moralia*, o afrouxamento da ética e dos costumes implícitos da vida cotidiana.

A propaganda nacionalista e fascista provocara inúmeras mudanças imperceptíveis que se conjugavam numa reviravolta drástica das opiniões, da sensibilidade e dos gestos da vida cotidiana, refletindo os destinos de inúmeras relações sociais, amigáveis ou matrimoniais – fato que Musil representa em diversos pares de personagens, entre os quais o casal Fischel: “O destino deste casal dependia de uma sedimentação fosca, tenaz e desordenada de ideias que não eram deles [dos esposos], mas pertenciam à opinião pública e mudaram com ela, sem que conseguissem evitá-lo.” (MUSIL, 1989, p. 207)

Musil mostra como os afetos matrimoniais entre o judeu diretor de banco Leo Fischel e sua esposa cristã Klementine passam por reviravoltas que dependem, em boa parte, de opiniões e ideologias políticas e de pontos de vista econômicos. A admiração da noiva, que vê o marido como um lorde inglês, transforma-se em exasperação pelo rosto “do agente de bolsa judeu”. Ao ritmo das ondas de antisemitismo, degradam-se as relações de Leo com Klementine e com a filha Gerda (namorada platônica do protofascista cristão Hans-Sepp), mitigadas somente pelos êxitos profissionais do pai de família. A confiança da jovem esposa no brilhante futuro financeiro dá lugar ao repúdio pelo judeu fracassado, mas o pedido de divórcio na ocasião da primeira insolvência termina na reconciliação depois de um novo élan nos negócios.⁴

A oportunidade de encontrar um jurista com notória influência em diversos círculos intelectuais, políticos e midiáticos era imperdível para um autor empenhado em documentar meticulosamente os inúmeros modos e fatores que contribuem para a constante e nebulosa reconfiguração da vida política, um autor que analisa, em detalhe, os efeitos que as condições ideológicas e econômicas produzem sobre os laços sociais e afetivos na vida doméstica. Schmitt, por sua vez, tinha curiosidade parti-

cular por um dos personagens do autor do *Homem sem Qualidades*, Arnheim, pois conhecia bem Rathenau, o ministro e industrial judeu que Musil tomara como modelo para a personagem. Como Musil, Schmitt via também com olhos críticos os méritos literários e intelectuais do festejado Rathenau, chegando a redigir uma paródia sobre ele.

Depois do encontro animado na casa de Schmitt, o jurista anotou no seu diário:

...pessoalmente, vi Musil apenas uma vez. Isto, no entanto, por ocasião de uma conversa intensa, que teve lugar num momento para mim patognômico (após a excitante conferência da sociedade Friedrich List sobre a avaliação do Nacional Socialismo da época), no domingo, 14 de dezembro 1930, de noite, das 8 às 11.30. Franz Blei veio pontualmente às oito para jantar; eu bebi vinho demais, ele, Slivovitz⁵ demais. Depois, chegaram Musil e sua mulher. Todos falaram demais (fora as mulheres). Tema: o romance dele e os judeus vienenses. (CORINO, 2003, p. 1064)

Karl Corino, autor da mais sólida biografia de Musil, lamenta essa falta de desenvolvimento:

Muito daríamos por um relato mais extenso de Schmitt, que é, como se sabe, um escritor mais do que habilidoso. A posição de Franz Blei deixou-se reconstruir a partir de sua resenha do livro de Hilaire Belloc sobre “Os Judeus”; Musil, que estava acompanhado pela sua mulher judia, certamente concordava com Blei, que então defendia a seguinte opinião:

“... na monarquia austro-húngara que declinara durante uns oitenta anos, os judeus foram o cimento e o elemento aglutinador de todas as etnias agora autônomas como povos independentes. E isto não pelo seu espírito internacional, mas de-

vido à sua urbanidade, ao seu sentido de família, sua religiosidade, seu humor e porque, para a sua felicidade [dos judeus], porém não para a felicidade dos povos europeus, foram excluídos do serviço diplomático e militar. Cinquenta por cento de judeus na diplomacia e na casta dos generais provavelmente teriam dado a estas duas instituições a inteligência que lhes faltava e provavelmente teriam contribuído a evitar a catástrofe de 1914.” (CORINO, 2003, p. 1064-1065)

Nesta época, escreve Carl Corino, Schmitt pode ainda ser visto como um intelectual importante, formado por professores judeus e formando estudantes judeus (CORINO, 2003, p. 1065). É provável que ele ainda fosse capaz de apreciar os argumentos de Musil, o qual se opunha, por princípio, a toda ideologia racista. O que configura os tipos, segundo Musil, são as condições sociais, e o característico do tipo é que ele somente se aplica a zonas medianas estreitas, isto é, a abstrações estatísticas (CORINO, 2003, p. 1066). E são precisamente essas condições sociais que estavam se criando de 1930 em diante. Com o desemprego e a miséria, o partido nazista cresceu: nas eleições de 1930, aumentaram de 12 para 107 os seus lugares no parlamento. E seus programas ideológicos fariam, em breve, com que tanto Blei quanto Musil ficassem sozinhos com suas visões abertas, lúcidas e positivas do judaísmo. Em janeiro de 1931, Blei festeja seus 60 anos, constatando o fracasso de sua atividade de crítico e editor, cerceada cada vez mais pela censura e pela hostilidade da opinião pública. Ele se retira a Mallorca e emigrará para Londres e Nova York. A amizade com Schmitt termina em 1933, quando o jurista escolhe o Nacional Socialismo, ao passo que Musil se vê obrigado a deixar Berlim – retornando a Viena e, de lá, para o exílio na Suíça, em 1938. A voz da moderação e do apre-

ço pela imensa contribuição da cultura judaica no que há de melhor no “espírito alemão” emudece no papel – como mostram dois fragmentos para um ensaio cujo título seria *Bedenken eines Langsamem* (*Ponderações e Reservas de um Homem Lento*), escritos entre a primavera e o outono 1933.

Esse ano marca a tomada de poder por Hitler e pelo Partido Nacional Socialista, cuja “renovação” revolucionária do espírito alemão obriga Musil a retornar a Viena. O hiato na sua carreira de editor acua Musil no beco sem saída do escritor de ensaios impublicáveis – embora o autor ainda tenha alguma ilusão de ver seu artigo publicado na *Neue Rundschau*. Os fragmentos mostram que ele não se ilude quanto à direção que o governo e a sociedade tomarão dali em diante, integrando, assim, o grupo dos artistas-pensadores mais lúcidos da Europa central. Apesar dos laços profundos com a cultura austríaca e alemã, e não obstante a perplexidade com os rumos que esta tomou no entreguerras, a mistura de amor e ódio não o leva à denegação da atrocidade antissemita que está no centro da política nazista. Hoje talvez seja incompreensível essa tática de denegação que muitos intelectuais e artistas compartilharam – às vezes até o recrudescimento bélico em 1937, como foi o caso do embaixador americano em Berlim, o historiador germanófilo Dodd. Um indicador da frequência desses esforços de denegação, inclusive entre intelectuais e artistas, é um trecho da carta de Stefan Zweig ao escritor e jornalista Joseph Roth, em 19 de agosto 1935. Nessa carta, Zweig admoesta Roth a não mais acreditar na viabilidade da cultura liberal do Império Austro-Húngaro e da Alemanha de Goethe:

A compulsão de humilhar os judeus não começou ontem nem hoje; [...] O princípio fundador, por assim dizer, do Nacional Socialismo não é outro além do desprezo pela raça judia! Por que você

levou tanto tempo para compreender isto? Como você não o percebeu há dois anos? Há 2 e $\frac{3}{4}$ de anos? Essa bestialidade estava aí desde o início. (ROTH, 2012, pp. 417 ss.).

Face a tais observações lúcidas, é difícil compreender como Zweig, ele mesmo de origem judia, embora assimilado e católico, possa ter depositado tanta confiança na união de “católicos e comunistas numa campanha dentro e fora da Alemanha [... para] combater o *inferno*” (carta a ROTH, 2012, pp. 417 ss.).

No mesmo contexto, destacam-se as observações judiciosas de Musil. Seu giro reflexivo é particularmente interessante no referido ensaio *Ponderações e Reservas de um Homem Lento*, do qual traduzimos um fragmento (cf. tradução abaixo). Musil não se limita a denunciar os abusos do nazismo. Ele procura entender, além disso, os princípios psicológicos e sociais, o uso estratégico de uma propaganda anti-intelectual e o acirramento de um imaginário mítico que enobrece a brutalidade e reconfigura o funcionamento do espírito revolucionário-totalitário.

O pano de fundo das preocupações deste ensaio remonta à época do início da Primeira Grande Guerra e à própria experiência com o entusiasmo bélico falacioso que tomou conta da sociedade civil e da juventude europeia em 1914. O autor do *Die Verirrungen des Zöglings Törless* (*O Jovem Törless*) (MUSIL, 1906; 1978) e das novelas *Vereinigung* (*União*) (MUSIL, 1911; 1978) nunca mais esqueceria sua nefasta contribuição para o entusiasmo histórico que levou a este *débâcle*. Desde então, ele desconfia das grandes emoções e, sobretudo, da manipulação propagandística dos afetos, que adquire um papel sem precedentes em 1933, com a fundação do Ministério de Esclarecimento Público e Propaganda de Joseph Goebbels – o “esclarecimento” do Ministério se reduz, bem

entendido, a uma doutrinação inédita. No ensaio *Ponderações de um homem lento* (MUSIL, 1978, pp. 1414-1416), um pensador vagaroso, *ein Langsamer*, desempenha o papel do cético (des)engajado tomando seu tempo para contemplar a situação marcada por aceleradas mudanças. Musil passa em revista as “revoluções” que eliminaram num atropelo todas as barreiras que um longo trabalho civilizatório erigiu como diques contra a barbárie. Sua reflexão minuciosa retoma os acontecimentos em câmera lenta e procura desmistificar o falso brilho das renovações eletrizantes da propaganda nazista. Sua atitude pausada inverte o tempo acelerado que permitirá aos líderes tomarem decisões gravíssimas sem o consenso explícito ou refletido da população, porém sob o signo do “deixar-acontecer” – a atitude passiva que exaspera Musil e que retorna nos seus diários e ensaios sob o lema do *Gewährenlassen, Geschehenlassen*. A lentidão didática simula um exercício de estilo; parece convidar os intelectuais silenciosos e silenciados a reagir contra os argumentos abstrusos, a pensar, a se indignar com as inverdades e os contrassenso do “programa”.

No segundo esboço do ensaio *Ponderações e Reservas de um Homem Lento* (não traduzido aqui), que as revistas alemãs jamais publicariam, Musil debruça-se sobre as restrições impostas às diversas formas de expressão literária e intelectual, artística e editorial; ele analisa a economia passional explorada pela propaganda antissemítica, seu estilo mitologizante que tira vantagem de mecanismos “coletivistas” e “voluntaristas” (isto é, da psicologia das massas). Com insistência, Musil não somente rejeita como imoral o antisemitismo, mas procura analisar o funcionamento programático da discriminação calculada e constata que esta ocupa o cerne do sistema totalitário. Sua análise identifica, de imediato, o uso racional e sistemático da irracio-

nalidade; mesmo assim, ele ainda se permite duvidar de que seus compatriotas aceitem a insanidade. Pois a proposta da renovação espiritual que está tão intimamente associada com a expulsão e a aniquilação dos judeus representa, para Musil, uma contradição fundamental – uma insensatez – no âmago do novo programa. Exasperado, Musil pondera: “Ou teremos de dizer que os judeus alemães têm uma parte capital na vida do espírito, ou teremos de qualificar essa vida espiritual como podre.” Diante dessa ponderação, impõe-se o diagnóstico do regime doravante no poder: “Há manias, delírios, ideias compulsivas. Há comunidades loucas compostas de componentes perfeitamente sãos.” Com perplexidade atônita, Musil constata que muitos intelectuais relevantes aceitaram, dóceis, o movimento revolucionário delirante, silenciando diante das contínuas campanhas de humilhação e intimidação de judeus ou pensadores independentes – a sistematização da “covarde crueldade contra pessoas mais fracas” ou discriminadas.⁶

Antes de anexar a tradução deste fragmento de ensaio, apresentamos alguns apontamentos a respeito de sua estrutura reflexiva. Assistimos a uma avaliação profunda das dimensões do movimento nacional-socialista, que de imediato, já no início de 1933, pôs fim ao legado humanístico europeu que, durante séculos, erigiu barreiras entre a vida do espírito e os interesses do Estado. Apesar do estilo sóbrio, Musil descreve os acontecimentos de 1933 como uma Eucaristia às avessas – uma *Verwandlung* nefasta que ameaça as raízes mesmas do espírito, da alma e do intelecto, abrindo as portas à crueldade mítica. Com amarga ironia, Musil registra a retórica dos hiatos calculados que deliberadamente desmantelam toda lógica, descosturam a tessitura da linguagem e ferem a sensibilidade com constantes choques para melhor afirmar o princípio de liderança totalitário.

Ponderações e Reservas de um Homem Lento [primavera a outono 1933]

ROBERT MUSIL

Tradução: Kathrin H. Rosenfeld

A revolucionária “renovação do espírito alemão” de que somos testemunhas e participantes deixa discernir duas direções de seu movimento e de sua liderança. Uma pretende, depois da conquista do poder, seduzir o espírito para cooperar na edificação interior e lhe promete uma Idade de Ouro, caso o espírito a ela se una; e até coloca, no seu horizonte, certo direito de participação nas decisões.

A outra direção, entretanto, manifesta sua desconfiança através da declaração de que o método revolucionário continuaria por enquanto e por tempo indeterminado, e que esse método em breve se debruçaria em especial sobre o espírito; assegura ora que nem sequer precisa dele, pois um novo espírito já está presente, de forma que o antigo só precisa precipitar-se no fogo para desfazer-se em cinzas ou para purificar-se, até que restem apenas seus elementos básicos.

O que aconteceu até o momento em que escrevemos estas palavras não deixa dúvida de que a segunda opção é a marcha e a primeira nada mais é do que o acompanhamento musical. E não poderia ser diferente: um movimento que se apresenta com tanto vigor quanto o atual não poderia fazer outra coisa a não ser exigir que tudo e todos se assimilem e se subordinem a ele por completo. Por outro lado, é possível que o espírito não o consiga, sem entregar-se e abandonar-se a si mesmo. Com certeza, deve haver aí um limite, pois nada é determinado de modo incondicional (*unbedingt*).

E assim não deixa de ser uma boa provação para o espírito o fato de que agora foi decretada uma legislação de exceção que não o julga segundo as suas próprias leis, mas segundo a lei do movimento [revolucionário].

Com uma prontidão sem par para o sacrifício, a Alemanha renunciou, em poucas semanas, a pesquisadores e eruditos entre os quais não há poucos que sejam insubstituíveis – [pelo menos] quando se leva em consideração os critérios que orientaram a vida espiritual durante séculos; e nenhum debate dessas condições de vida pode permanecer indiferente ao que aconteceu.

Aqui não há nenhuma escolha. Ou nós dizemos: os judeus alemães têm uma participação honrosa na vida espiritual alemã, ou devemos dizer: essa [vida espiritual] é tão radicalmente podre que ela não é mais capaz de juízo algum. Quando nós, que há muito participamos dessa vida do espírito, interrogamos nossa experiência, então vemos, na luta do espírito com o antiespírito, homens de todas as proveniências, distribuídos em proporções iguais em ambos os lados – e não podemos de repente abolir nossa experiência.

O que ocorreu nos parece injusto; mas, mesmo se quiséssemos fazer justiça, deveríamos ainda considerar como imoral a forma de seu procedimento, e essa [forma imoral de justiça] infelizmente coincide por inteiro com a violação de uma moralidade que hoje está fora moda, isto é, com a morali-

dade humana. Humanidade, tanto quanto cosmopolitismo e internacionalidade, liberdade e objetividade, são agora valores que tornam suspeitos aqueles que as possuem; mais: quem defende uma dessas ideias torna-se suspeito de simpatizar com as outras, pois mostra assim que não captou a indivisibilidade da transfiguração⁷ (*Verwandlung* - transmutação).

Essa transmutação coloca uma totalidade no lugar da outra e, como ela fornece o derradeiro argumento contra cada objeção particular, é, ao mesmo tempo, o sentido daquilo que, de modo global, é chamado de “sistema corrompido ou podre” (*verdorben*). Embora tal argumentação possa não ser correta, embora ela possa ter qualquer consequência, embora ela possa nem mesmo ter uma forma lógica, ela sequer se dá o trabalho de negar isso [esses defeitos gritantes], pois ela se sente imbuída [da missão] de ser a ‘transvaloração de todos os valores’.

Esse sentimento não é uma alucinação. De modo obscuro, mas mesmo assim visível, há nele alguma coisa que poderíamos, mais ou menos, formular com as seguintes palavras: o todo é o senhor de suas partes; ele não apenas as precede, mas, de certa forma, também as lidera; ele não é apenas seu senhor, mas cumpre e perfaz, por excelência, seu sentido e sua significação. Essa sempre fora uma concepção biológica e, por diversas razões, esse pensamento segundo o qual o todo é mais do que a soma ou qualquer coleção indiferente de suas partes, que o mundo é construído tanto de totalidades como de singularidades, encontrou, na filosofia de nosso tempo, um âmbito de aplicação muito amplo; mas, na sociedade dos acontecimentos políticos, esse reconhecimento (ainda em processo de devir e de longe não acabado) entrou apenas graças a [um vácuo]: a incapacidade da democracia de ajustar, em momentos difíceis, o anel do todo em torno da luta de todos contra todos, [um

anel que precisa ser] fechado com eficácia ou por sugestão [retórica].

Embora essa incapacidade não tenha se comprovado de modo positivo e universal, pois as democracias mais fortes ainda estão de pé, o coletivismo, o anti-individualismo e a atitude antiatomística disseminaram-se já no presente, sob diferentes formas e em diferentes graus de intensidade, na metade do mundo. Essa é também a ação verdadeira do movimento alemão, que protesta contra a suposição de que o novo nacionalismo possa ser compreendido como uma reação comparável à de seus parentes mais antigos [aos nacionalismos anteriores].

Façamos um experimento de reflexão, fingindo que poderíamos substituir o Nacional-Socialismo por algo diferente. Um sentimento que fosse independente de desejos e temores ao ponto de contrariar esses desejos e temores responderia, em geral e apesar de tudo, que uma alteração desse tipo não poderia mais processar-se como mero retorno a um estado pregresso ou mais antigo ainda.⁸ Esse sentimento não pode ser interpretado com outra constatação, a não ser que o Nacional-Socialismo tenha sua missão e sua hora, que não se trata de um redemoinho ou de uma confusão (*Wirbel*), porém de um gradiente (*Stufe*) da história.

Muitos daqueles que antes pensavam de forma diferente fizeram tal experimento de reflexão nos nossos dias. No entanto, há de se observar também algo mais: não aconteceu nessas semanas algo muito notável do ponto de vista moral? Os direitos fundamentais da pessoa ética, responsável e autônoma, a liberdade de expressar e de ouvir opiniões, o edifício das convicções inalienáveis...⁹ tudo isto se apresentava aos olhos de milhões de pessoas ferrosamente confiantes de terem depositado nisso mesmo suas inalienáveis convicções; e tudo isso foi abolido de um só golpe, sem que as mesmas pessoas tivessem movido um dedo sequer! Juraram

que sacrificariam suas vidas pelos seus princípios, e mal mexeram um dedo! Sentiram que alguém lhes roubava o espírito, mas, de repente, reconheceram que seu corpo era mais importante.

Nos dias em que isso aconteceu, a Alemanha ofereceu, por um lado, a imagem de vitoriosos turbulentos, por outro, a de homens intimidados e desamparados. Ofereceu também a imagem de covardes, isso podemos dizer com tranquilidade, pois o problema está no fato preciso de que uma grande parte desses covardes não recuara de perigo algum na guerra que precedera, para provar seu heroísmo. Disto deve-se deduzir: primeiro, as coisas sagradas que agora parecem ter perdido, já não eram mais sagradas para eles; segundo, o homem de hoje é menos autônomo do que pensa e adquire firmeza apenas na união com os demais. Ambos os silogismos encontram-se bem articulados na linha que segue o Nacional-Socialismo. No entanto, não cabe aqui nenhuma falsa mitologia: o que agora foi eliminado não foi o 'Ontem', que teria capitulado, covarde, e estaria agora eliminado; quem fez isso foram, ao contrário, homens que continuam vivos, e são eles que agora esperam do novo espírito a solução da mesma tarefa que o antigo não soube resolver.

NOTAS

1 O presente artigo é resultado de pesquisas financiadas pelo CNPq e pela CAPES.

2 Nosso relato do encontro segue de perto a biografia escrita por Karl Corino, *Robert Musil*, Rowohlt, Reinbeck bei Hamburg, 2003, pp. 1164 ss.

3 A *Politische Theologie (Teologia Política)* de Carl Schmitt põe fim à ideia hegeliana de uma classe burocrática pensante e relativamente autônoma que cerca o governante. Schmitt fornece uma teoria cuja interpretação tendenciosa permitiria, em breve, legitimar a ditadura nazista. Ele reserva ao soberano a *auctoritas* das decisões

– por exemplo, a decretação do estado de exceção que requer e permite a instauração de legislações emergenciais e arbitrárias. Nesse sentido, Schmitt justifica até mesmo os assassinatos em massa – verdadeira carnificina – da “Noite das longas facas”, um acerto de contas entre diferentes facções do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. Sobre esses assassinatos cruéis e sumários que asseguraram o poder de Hitler e da SS, Schmitt afirma que representariam a forma suprema da justiça administrativa (*höchste Form administrativer Justiz*) da autoridade de Hitler, pois “o líder protege a lei” (*Der Führer schützt das Recht*); Cf. *Deutsche Juristen Zeitung*, n. 38, 1934.

4 Cf. os capítulos sobre as reviravoltas da fortuna do casamento do casal Fischel que acompanha as flutuações ideológicas do fim do liberalismo tolerante sob a pressão dos ideais germânicos do socialismo cristão de Karl Lueger. Ver: MUSIL, 1989, pp. 203-207.

5 Bebida alcoólica obtida a partir da destilação de ameixas e produzida comumente na Europa central e no leste europeu.

6 O grande romance de Musil *Über die Dummheit (Sobre a Estupidez)* (MUSIL, 1937) já antecipa a análise dos mecanismos sádicos (do antissemitismo, da misoginia e de outras práticas discriminatórias) que o autor denunciará, explicitamente, no seu último discurso em Viena, pouco antes do exílio na Suíça.

7 O vocabulário litúrgico alude deliberadamente à eucaristia, ironizando a transfiguração prometida pelo 'movimento' nazista para a 'renovação do espírito alemão'. (N.T.)

8 Musil alude às tendências muito difundidas na época de recorrer a modelos míticos – gregos, germânicos, indo-europeus – que conferem uma aura sacrossanta aos élanes militaristas e totalitários do fascismo.

9 A pontuação estranha deve-se ao caráter fragmentário do ensaio (N. T.).

REFERÊNCIAS

CORINO, Karl. *Robert Musil; Eine Biographie*. Rowohlt, Reinbeck bei Hamburg, 2003.

JANOUGH, Gustav. *Conversations with Kafka*. New Directions, 1971.

MUSIL, Robert. *Die Verirrungen des Zöglings Törless*. Wien/Leipzig: Wiener Verlag, 1906 [reproduzido em Musil, 1978].

MUSIL, Robert. *Vereinigungen*. München: Suhrkamp Verlag, 1911 [reproduzido em Musil, 1978].

MUSIL, Robert. *Über die Dummheit*. S.I.: Bermann-Fischer, 1937.

MUSIL, Robert. *Kleine Prosa und Schriften*. Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt, 1978.

MUSIL, Robert. *Der Mann ohne Eigenschaften*. Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt, 1976; em português: MUSIL, Robert. *O Homem sem Qualidades*. Tradução de Lya Luft e Carlos Abbenseth. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ROTH, Joseph. *A Life in Letters*. Tradução de M. Hofmann. New York/London: Norton, 2012.